

Esse Velho Curioso

Não é fácil localizar o Departamento de Lepidópteros do Museu de História Natural de Londres. Corredores dão voltas por toda a história do museu; passam por dignos e quase abandonados armários de mogno na ala antiga e levam a imensos sistemas metálicos de armazenagem na nova ala, contendo bandejas e bandejas e bandejas de mariposas e borboletas de todos os tamanhos, cores, origens e de todos os níveis de raridade e beleza. Estima-se que ali sejam mantidos 68 milhões de espécimes, dos quais 20 milhões são de borboletas. A coleção tornou-se uma vasta base referencial para a taxionomia de espécies conhecidas e desconhecidas, e todos os dias chegam pacotes de todas as partes do mundo, com um vago cheiro de produtos químicos e contendo criaturas secas ou presas a pedaços de papelão ou suspensas em álcool.

Mostram-me exemplos verdadeiramente espetaculares, coisas delicadas milagrosamente ricas e variadas em suas cores, aparições iridescentes com asas do tamanho de mãos, mariposas mortas que parecem ter crânios desenhados no dorso maciço, e outras tão pequenas que é quase impossível acreditar em sua complexidade. Os espécimes que procuro, entretanto, estão todos num pequeno armário, num grande salão com um cheiro insuportável de naftalina. Ali, abertas com uma chave especial, estão algumas bandejas com borboletas em molduras de vidro individuais, todas rotuladas à mão e seladas com perga-



minho nas bordas. Alguns desses espécimes têm um ponto vermelho indicando que são a amostra de referência usada no passado para descrever uma espécie; outros sofreram muito e praticamente se desintegraram. Um, em especial, grande, com asas vermelhas atravessadas de marrom e preto, quase não sobrevive e é pouco mais do que o fantasma de uma borboleta, esquelética como uma folha outonal, meras nuances de cor entre as duas lâminas de vidro que sustentam o que ainda resta.

Esses frágeis vestígios foram parte de uma das maiores coleções que a Europa já viu, fundamental não apenas para os acervos do Museu de História Natural mas também para os do Museu Britânico: a obra da vida de Sir Hans Sloane (1660-1753).

“Desde jovem sempre me agradou muito o estudo das plantas, e de outras partes da natureza, e vi muitas dessas curiosidades, que se encontram tanto nos campos como nos jardins ou gabinetes de curiosidades nestas regiões”,¹ dizia Sloane, recordando sua infância irlandesa. Nascido em 1660, filho de um administrador de terras em Killyleagh, condado de Down, estudou na escola latina local. Aos 16 anos, desenvolveu hemoptise, dolorosa doença que o fazia cuspir sangue e durou três anos, embora outras fontes sustentem que ela o atormentou, intermitentemente, pelo resto da vida. É possível que este problema de saúde tenha forçado o jovem a se voltar para objetivos mais acadêmicos, em vez de seguir a vida campestre da família. Aos 19 anos, estudou no Apothecary's Hall, em Londres, e logo chamou a atenção de Robert Boyle, destacado químico e médico. O jovem cultivou a amizade de Boyle “informando-o de tudo que lhe acontecia, que parecesse curioso e importante, e que o Sr. Boyle sempre recebia com sua costumeira candura e devotava com todos os sinais de civilidade e estima”.²

Depois de quatro anos no Apothecary's Hall, Sloane viajou ao exterior para estudar em Paris, dividindo o tempo entre o Jardin Royal des Plantes e o Hôpital de la Charité. Era um estudante voraz, como atesta um amigo:

Ele chegou às seis da manhã no Jardim Real de Plantas com M. Tournefort, que apresentou as Plantas de acordo com a Ordem de Caspar Bahuin (...) até as oito, quando M. Duforty explicou suas virtudes até as dez; e às duas da tarde M. du Verney

leu textos de Anatomia até as quatro, e foi substituído por M. Sanlyon, o professor de química, que discursou em francês sobre as operações a serem realizadas naquele dia por M. Faveur.³

Dali o jovem Sloane foi para a mais famosa escola de medicina da época, Montpellier. Por ser protestante, não pôde obter um diploma em Paris e em Montpellier, e teve de terminar os estudos em Orange. Recebeu o diploma de doutor em medicina com distinção. Já respeitado homem de ciência, o jovem médico voltou para a Inglaterra com uma carta de apresentação para o Dr. Thomas Sydenham, um dos mais notáveis médicos da época. Tornou-se membro da Sociedade de Médicos. O mundo, pelo menos o pequeno mundo da respeitável sociedade londrina, estava aberto para ele.

Em 1687, Sloane aceitou o posto de médico do segundo duque de Albermale, que acabara de ser nomeado governador da Jamaica, provavelmente para que fosse mantido o mais afastado possível de Londres. O duque provocara considerável escândalo com sua vida dissoluta, que ameaçava arruinar não apenas a si próprio mas também a reputação do pai, o general Monck, um dos mais leais seguidores de Cromwell, que mudara de lado e fora feito duque em reconhecimento pelo papel central que desempenhara na Restauração da monarquia em 1660. No clima político posterior, da década de 1680, entretanto, sob o reinado de Jaime II, cujas inclinações católicas eram visíveis para qualquer um, o indócil filho de um homem eminente que antes apoiara a oposição era um ônus, e o melhor a fazer seria mandá-lo para longe.

A perspectiva de uma viagem ao exterior animou o jovem médico, especialmente porque teria a oportunidade de estudar plantas e drogas estrangeiras. Depois de uma viagem para a Jamaica no *Assistance*, fragata de 44 peças de artilharia, Sloane estabeleceu uma rotina de obrigações leves, que lhe deixavam tempo de sobra para suas explorações. Contratou artistas para registrar a natureza e os animais silvestres, tomou notas detalhadas e escreveu sobre suas aventuras para os amigos de Londres:

Depois de coletar e descrever as plantas, sequei amostras da melhor maneira possível, para trazê-las comigo. Quando encontrei as frutas que não podiam ser ressecadas

ou guardadas, contratei o reverendo Sr. Moore, um dos melhores desenhistas disponíveis ali, para desenhá-las, e desenhar peixes, aves, insetos etc. em creiom, e levei-o comigo ao campo, para que pudesse trabalhar nos próprios locais.⁴

Os dias de Sloane nas Índias Ocidentais estabeleceram o padrão que seguiria pelo resto da vida. Como seu posto de médico do duque não lhe exigia muito, e grande parte do seu tempo era preenchida explorando, catalogando e preservando suas descobertas, logo passou a administrar uma clínica médica de sucesso para atender ao círculo do governador e aos cidadãos menos privilegiados de Port Royal. (Um dos seus pacientes foi *Sir Henry Morgan*, bucaneiro aposentado, cujo problema de saúde consistia em beber tanto que não conseguia dormir, consequência pouco comum do consumo exagerado de álcool.)

Embora não admitisse que coisa alguma atrapalhasse sua paixão, Sloane tinha consciência dos perigos que se escondiam em toda parte. “Naquele clima distante, o calor e a chuva são excessivos”, escreveu. “As regiões desabitadas (...) costumam ser infestadas de serpentes e de outras criaturas peçonhentas (...) Os próprios lugares distantes das colônias geralmente estão cheios de negros fugitivos, que preparam emboscadas para matar os brancos.” Não eram apenas ex-escravos rebeldes que ameaçavam sua crescente coleção; o clima tropical representava dificuldades extras. “Tentei preservar as peles e penas de beija-flores, e fui obrigado, para protegê-las de formigas, a pendurá-las na ponta da corda de uma roldana presa ao teto, e ainda assim elas deram um jeito de chegar ao teto e destruí-las.”

A fase de Sloane como médico colonial e colecionador de espécies raras foi bruscamente interrompida em 16 de março de 1688, quando seu patrão, que tinha experimentado com entusiasmo um produto local, o rum jamaicano, morreu de repente. A duquesa, sem dúvida aliviada com o fim antecipado de seu exílio, decidiu voltar para casa. Sloane descobriu que sua capacidade de preservar organismos mostrou-se muito útil, pois o corpo do duque precisava ser embalsamado a fim de ser mandado para a Inglaterra. As incertezas políticas que cercavam o cada vez mais sitiado Jaime II impediram que o grupo viajasse nos cinco meses seguintes. A duquesa viúva decidiu sabiamente que a Inglaterra de um rei católico cada vez mais intransigente não era um bom lugar para viver. Acabaram partindo em agosto, quando parecia certo que

Jaime II não duraria muito. Ao chegar à Inglaterra, o duque, embalsamado duas vezes, foi sepultado na Abadia de Westminster.

De volta a Londres, Sloane rapidamente explorou suas relações e sua especialidade. Montou um consultório na Bloomsbury Square e logo contava, entre seus clientes, com alguns dos membros mais influentes da sociedade. Sua reputação e riqueza aumentaram com a publicação das observações feitas na viagem às Índias Ocidentais. Em 1693, sucedeu a Isaac Newton como secretário da Real Sociedade e em 1719 tornou-se presidente do Colégio de Médicos. Médico particular da rainha Anne, também recebeu um diploma honorífico da Universidade de Oxford. Apesar do cargo de consultor dos ricos e famosos, Sloane obviamente conservou um forte senso de dever profissional: doava seu salário anual de 30 libras, como médico titular do Hospital de Cristo, para ajudar no tratamento de seus pacientes. A essa altura, honrarias atraíam honrarias. Atendeu o príncipe George, da Dinamarca, o consorte da rainha Anne em 1708, e foi feito baronete em 1716, e médico geral do Exército em 1722. Em 1727, com 67 anos, foi nomeado médico do rei George I.

Obviamente muito ativo e bem-sucedido como médico e homem de ciência, Sloane era acima de tudo um colecionador dotado de enorme curiosidade e de recursos consideráveis. Sua grande fortuna não se baseava apenas no sucesso como médico; em 1695 casou-se com uma viúva que conheceu na Jamaica, Elizabeth Langley, herdeira de uma fortuna substancial, que lhe permitiu dedicar-se à sua paixão e pagar somas fabulosas por objetos que julgava valiosos e genuínos. Como não havia nada que não lhe despertasse o interesse, nada que fosse pequeno ou insignificante o bastante para que ele não tentasse adquirir, Elizabeth descobriu que seu famoso marido lhe custara caro. Quando John Evelyn visitou Sloane em 1691, apenas três anos depois de sua volta da Jamaica, escreveu:

Fui ver as curiosidades do Dr. Sloane, uma coleção universal das produções naturais da Jamaica formada por plantas, corais, minerais, terra, conchas, animais, insetos etc: colecionados por ele com grande discernimento, diversos fólhos de plantas secas e um com cerca de 80: diversas samambaias e outros tipos de mato: etc.: a pimenta da Jamaica em galhos, folhas, flores, frutos etc.: com seu diário, e outros discursos

filosóficos e observações sobre a natureza é, de fato, extraordinário e abundante, suficiente para apresentar uma excelente história daquela ilha, diante do que o encorajei e aprovei muitíssimo sua diligência.⁵

Sloane não confiava apenas no próprio julgamento. Agentes e marinheiros lhe traziam raridades, e ele comprava coleções inteiras para incorporar à sua melhores peças. Seus aposentos em Bloomsbury devem ter sido extraordinários: pacientes ricos vinham ver o grande homem quando o grande homem não podia visitá-los; outros, menos distintos mas igualmente doentes, esperavam ser atendidos; marinheiros com plantas, animais, vivos e mortos, antiguidades, artes tribais e caixas chegadas de todas as cidades portuárias da Inglaterra, tudo brigando por lugar em seus abrigos cada dia mais atulhados.

A coleção tomou novo rumo quando um amigo de Sloane dos tempos da Universidade de Montpellier, o rico botânico William Courten, da Companhia das Índias Orientais, legou seus espécimes a Sloane em 1702, herança que segundo se estima alcançava a soma estonteante de 50 mil libras esterlinas.⁶ Depois disso, nada parecia capaz de detê-lo. Sloane adquiriu várias coleções inteiras, entre elas “uma boa coleção de moedas romanas, e uma mais surpreendente de conchas, mil conchas de diversos tipos e de todas as partes do mundo, curiosas pela forma, pelo tamanho, pela cor etc.”.⁷ Não contente com objetos de ciência, tornou-se cada vez mais amigo de curiosidades, como, por exemplo, partes dos salvados de um galeão espanhol. A essa altura, uma equipe permanente de curadores auxiliares ajudava-o na tarefa de catalogar e preservar a imensa quantidade de espécimes existentes na casa.

Há relatos conflitantes sobre a aparência da coleção, o que talvez acontecesse porque era continuamente alterada. Inicialmente, estava contida em onze quartos grandes, nos quais armários para as diversas espécies revestiam a parte inferior das paredes, com três ou quatro camadas de prateleiras em cima. Os armários eram ordenados de acordo com a espécie de objetos que continham: mineral ou animal, insetos ou vertebrados, conchas, ovos de aves, e um deles contendo “sete mil frutas diferentes”. Havia ainda armários com sapatos e roupas, antiguidades egípcias, fósseis, medalhas e moedas, e vários objetos que desafiavam a classificação. Sempre generoso quanto ao acesso

aos seus tesouros, Sloane esperava que os visitantes tivessem o maior cuidado. Quando Händel visitou o grande homem em 1740, caiu em desgraça e enfureceu o anfitrião ao colocar um pãozinho com manteiga em cima de um raro manuscrito medieval.

O número crescente de itens na casa acabou forçando Sloane a buscar novas acomodações. Em 1742, resolveu mudar-se para Chelsea, onde esperava acomodar suas peças mais adequadamente. Edmund Howard, que trabalhou como assistente de Sloane, ficou encarregado de fazer um inventário. O catálogo se estende por quarenta volumes in-fólio, incluindo registros de uma biblioteca de 42 mil volumes. A coleção continuou a crescer. Já em abril de 1743, um visitante fez o seguinte comentário sobre a nova residência de Sloane: “Sua grande casa em Chelsea está completamente tomada; todos os armários e chaminés cheios de livros, raridades etc.”

Um inventário de 1753 oferece um quadro mais exato do tamanho da coleção. Relaciona, entre outras categorias:

Terras e sais	1.035
Betumes, enxofres, âmbar e âmbar grises	399
Metais e minerais	2.725
Talcos, micas etc.	388
Corais, ou coisas do gênero, como esponjas e outras plantas submarinas	1.421
Vegetais e substâncias vegetais, como raízes, madeiras, sementes, gomas, resinas e sucos concentrados	12.506
Além de 200 grandes volumes de plantas secas, entre as quais espécimes raros colecionados por mim na Europa, na Ilha da Madeira e na América, assim como os coletados pelo Dr. Merret, pelo Dr. Plukenet e pelo Sr. Petiver, e outras pessoas curiosas em todo o mundo conhecido	344
Insetos	5.439
Ouriços-do-mar e partes deles, tanto naturais como fossilizados, encontrados no mar e em terra	659
Peixes e partes de peixes	1.555
Aves e partes de aves, ovos	1.172

Víboras, serpentes etc. 521

Humana, a saber, cálculos de rins e vesícula, preparados anatômicos, e coisas do gênero 756

Outras coisas não compreendidas nas categorias acima, naturais e artificiais 2.098

Coisas relativas aos costumes dos tempos antigos, ou antigüidades, urnas, instrumentos etc. 1.125

Focas grandes 268

Vasos grandes, asas e outras coisas feitas de ágata, jaspe, cornalina, cristal, além de muitos camafeus e selos, excisa, incisa 700

Medalhas, antigas, como samaritanas, fenícias, gregas, consulares, romanas, etc. e modernas, e moedas em todas as medalhas 23.000

Livros em miniaturas de cores, com finos desenhos de plantas, insetos, aves, peixes, quadrúpedes e todo tipo de curiosidade natural e artificial, livros de gravuras etc., volumes de manuscritos, a maior parte relativa à física e à história natural etc. aproximadamente 50.000.⁸

Sauveur Morand, homem de ciência francês, visitou a coleção de Sloane em 1729 e ainda estava, evidentemente, sob a impressão desse vasto e estranho estratagema quando compôs esta descrição:

Os armários do Sr. Sloane compreendem onze salas grandes, incluindo sua biblioteca, a mais completa da Europa em livros de medicina; ele tem três mil manuscritos sobre o assunto. Em seu gabinete podem ser vistas peças anatômicas extremamente raras, entre as quais muitas preparadas por Ruysch; o feto que Ciprien retirou por operação cesariana em 1694 sem provocar a morte da mãe; várias injeções dos principais vasos de um corpo do qual as túnicas estão cheias de nós causados por matéria tofosa, produzida pela gota; vários esqueletos, incluindo o de um sífilítico, cheio de tumores; diversas peças mostrando doenças dos ossos; pedras tiradas de diferentes partes do corpo — cerca de 400; da vesícula, e diversas dos intestinos

Uma coleção de medalhas; tanto antigas como modernas, 23.000

Restos de folhas de diversas árvores, deixados por insetos, vários pássaros, entre os quais colibris e “oiseaux du mogol”

Peles de todo tipo de animal

Dentes de todo tipo de animal, entre os quais presas de elefante, inchadas e alargadas, depois de penetradas por corpos estranhos que permanecem dentro; numa delas existe uma bola de ferro

Grande número de antigüidades egípcias

Quatro mil insetos diferentes; o sapo do Suriname

Uma história completa das borboletas em caixas lustradas. Há também folhas curiosas, que lembram insetos voando, e se chamam *folia amulantia*

Uma coleção de besouros

Uma coleção de todas as espécies de aranhas

Uma grande coleção de cobras preservadas em líquido

As asas de várias espécies de peixes voadores

Um conjunto de sapatos de todos os tipos e de diferentes países

Roupas indianas⁹

Sloane não delegava aos assistentes todo o trabalho de lidar com os detalhes. Ele próprio rotulava as peças que possuía, registrando sua história, suas peculiaridades, seus antigos proprietários e sua aparência. Entre os itens mais raros havia um “peito depois de sepultado por [faltando] anos que me foi dado pelo Sr. Walpole”, “um pedaço do peito da rainha Katherine tirado da arca da Abadia de Westminster em setembro de 1667 para as coleções do Sr. Giffords”, “A cabeça de uma múmia egípcia seca nas areias e trazida do Egito pelo Sr. Sandys” e “Pedaço da pele de um paxá estrangulado na Turquia que me foi dada pelo Dr. Varin”. Nem todas as descrições eram tão breves. Alguns rótulos contavam histórias completas:

Uma bola de benzoar tirada das tripas de um professor de Lancashire que por sete anos sofreu de cólica provocada por ela, apesar das tentativas de médicos. O centro é uma pedra de chumbo com [f]omentum ao redor encontrada quando abriram seu corpo, seguindo suas instruções, depois de morto, para que se descobrisse a causa de

tão grave enfermidade; um pequeno tumor de gordura expelido por uma pessoa que sofria excessivamente de cólica depois de engolir um prego quando pregava ripas no teto. Ele tentara tirá-lo com osso de baleia e sentiu uma dor de lado por cerca de um ano, quando por sangria e com ajuda de um eletuário de conf. Ref. Bals. Locatell & fl. Shlph. com bebida peitoral ele o pôs para fora com uma pequena tosse. O prego com sangue coagulado.¹⁰

Como médico, Sloane tinha acesso ilimitado ao tipo de monstruosidade tão do agrado de colecionadores de um século antes. Sua coleção contava com uma boa quantidade de espécimes desse tipo. “Uma criança monstruosa com quatro braços e quatro pernas”, seguida de “um monstro humano composto de dois corpos de criança unidos numa cabeça, e tendo quatro braços e quatro pernas. De Staffordshire”. Outros itens de anatomia davam testemunho dos gostos e hábitos mais estranhos de Sloane:

Duas cataratas tiradas dos olhos de uma pequena raposa cega na Groenlândia. Ela vivera muitos anos comigo em meu jardim, era castanha no verão e branca no inverno. Em abril, geralmente soltava o pêlo branco, menos em seu último ano de vida, quando, por estar doente, o pêlo branco permaneceu até a morte, sem mudar como de hábito.

As curiosidades naturais ocupavam grande espaço. Havia peças de tamanho considerável, como: “O esqueleto de um orangotango ou homem selvagem da Sumatra nas Índias Orientais pelo capitão Sprice. As mãos e os pés foram atirados ao mar na viagem das Índias Orientais quando a criatura morreu. Foi-me dado pelo Sr. Maidstone”; “Um camelo empalhado”; e “A tromba, olhos etc. de um elefante que morreu de consumpção em 1741 em Middlesex”; assim como exposições de proporções mais modestas, como “Um camundongo branco apanhado numa ratoeira na praça Hannover”.¹¹

Não era apenas a coleção zoológica que merecia tais descrições. Ele escreveu sobre fósseis como se se tratasse de coisas vivas, percorrendo a terra e o mar: “Palato ou mandíbula de um *orbis muricatus* desenterrado na Inglaterra. Este peixe come conchas e tritura-as entre as mandíbulas superior e inferior, que são como pedras de moinho.” As descrições de vestígios arqueo-

lógicos mostram que seu proprietário era um homem mais interessado em medicina do que em história: “Um crânio coberto de crosta e espada, ambos encontrados no Tibre, em Roma, do lado direito do crânio está o úmero ou a cabeça do úmero, e a primeira costela aderindo.”¹²

A mansão de Chelsea, que tinha grandes e exóticos animais empalhados, barcos inteiros e uma coleção de aproximadamente 200 mil peças, tornou-se grande atração para visitantes. O próprio Sloane, entretanto, precisava pensar no destino que lhe daria depois de sua morte. Sua coleção, apesar de não ter rival no mundo, foi tida por alguns como ultrapassada. John Woodward, também ardente colecionador, escreveu: “Merece censura quem está perpetuamente acumulando coleções naturais, sem projeto de construir uma estrutura filosófica a partir delas, ou de oferecer proposições que possam resultar em benefício e vantagem para o mundo.”¹³

Sem se perturbar com as críticas, entretanto, Sloane resolveu dispor de seus tesouros. Madame du Bocage, visitante francesa, registrou com grande surpresa: “Esse velho curioso pretende, é o que se diz, legar os frutos de suas indagações à Real Sociedade de Londres.” O velho curioso fez exatamente isso. Deixou para a Real Sociedade “minha biblioteca de livros, desenhos, manuscritos, gravuras, medalhas e moedas; antigüidades arcaicas e modernas, selos e camafeus, entalhes e pedras preciosas; ágatas e jaspes, vasos de ágata, jaspe ou cristal; instrumentos, desenhos e figuras de matemática, e todas as outras coisas”.¹⁴ O Museu Britânico acabava de nascer. Sloane, que sofria de uma forma de paralisia desde 1739, morreu em 11 de janeiro de 1753. Tinha 92 anos. Sua coleção, juntamente com a biblioteca de Sir Robert Cotton e a Biblioteca Real, doada ao Museu por George II em 1757, foi abrigada inicialmente em Montague House, Bloomsbury, e inaugurada em 15 de janeiro de 1759.

Um relato de autoria de um menino de 12 anos em 1780 já se refere a uma experiência de ir ao museu que parece familiar para visitantes de hoje:

A sala seguinte estava repleta de todos os tipos de serpente e lagarto que já viveram, alguns com asas. Havia um par de luvas feitas com biscoito de mexilhão, também cobras e cascavéis e peixes-espadas etc. e um crocodilo, coisa tão monstruosa que seria capaz de devorar três ou quatro homens no café da manhã. Havia milhares de ou-

tras coisas, que não tenho tempo de relacionar, e na verdade não teríamos tido tempo de ficar para ver metade delas.¹⁵

Os estatutos do museu estipulavam que era para ser um “estabelecimento nacional fundado pela Autoridade do Parlamento, projetado primordialmente para o uso de homens de saber e estudiosos, tanto naturais do país como estrangeiros, em suas pesquisas nos diversos campos do conhecimento”. Os homens sábios e estudiosos obviamente gostavam de guardar seus tesouros para uso próprio, pois quando o historiador alemão Wendeborn bateu à porta da recém-estabelecida instituição em 1785, queixou-se de que “pessoas desejosas de visitar o museu precisam primeiro apresentar suas credenciais no escritório e só depois de um período de cerca de 14 dias têm chance de receber um ingresso”.¹⁶ Mesmo assim uma visita às coleções não era coisa que se pudesse fazer à vontade. Um curador, deixando claro que considerava o aparecimento de um visitante um desperdício do seu precioso tempo, mostrava-lhe as salas, sem lhe dar chance de tomar fôlego, menos ainda de examinar individualmente os objetos, expostos sem muita organização, e sem rótulos ou etiquetas.

A coleção de Sloane, cada vez mais obscurecida por outros tesouros, teve uma história de altos e baixos em seu novo ambiente. Um Comitê Parlamentar Seletor que investigou as condições do Museu Britânico em 1835 descobriu que a maior parte do legado do grande homem tinha desaparecido. George Shaw, responsável pelo Departamento de História Natural e de Curiosidades Modernas, disse ao comitê: “*Sir Hans Sloane* tinha um método para guardar insetos que era muito danoso. Espremia-os entre duas lâminas de mica, que destruíam os espécimes, na maioria dos casos, até mesmo as asas das borboletas. Poucos espécimes desses insetos ainda restam, e nós os consideramos lixo, e foram destruídos com outros tipos de lixo.”¹⁷ Os poucos espécimes que tiveram a sorte de escapar dessa barbaridade estão agora guardados no Museu de História Natural, onde continuam a nos fazer ciências das riquezas desordenadas de Sloane.

Sloane foi provavelmente o último dos colecionadores “universais”, um homem que se ergue no vértice da velha tradição de gabinetes de curiosidades e da nova maneira de colecionar cientificamente e da classificação metódica

(outro polígrafo ainda mais tardio foi o poeta, cientista, colecionador e político alemão Johann Wolfgang von Goethe).

Já na época em que Sloane viveu, o ato de colecionar sofrera uma brusca mudança de natureza. O Iluminismo e o surgimento das academias, onde estudiosos se reuniam para discutir e compartilhar suas pesquisas, conduziram a formas mais metódicas de abordar o mundo material e a formas mais especializadas de colecionar. A ambição de colecionar tudo que fosse digno de nota, natural em Aldrovandi e Tradescant, cedera a vez a uma divisão de disciplinas, e dentro delas um novo projeto surgiu: a classificação racional e a descrição completa da natureza e, finalmente, da arte.

Um homem que estava na vanguarda dessa nova maneira de olhar o mundo, Carl Lineu (1707-78), visitara o gabinete de Sloane e manifestara sua desaprovação, declarando que as coleções estavam em “completa desordem”. Caóticas conflagrações de curiosidades não tinham qualquer interesse para ele. Lineu era homem piedoso e acreditava que a obra de Deus deveria ser expressa e compreendida em termos mais sistemáticos.

Nascido na Suécia rural, em Råshult, na paróquia de Stenbrohult, em Småland, filho de um pastor e dedicado botânico amador, estudara medicina e tornara-se conhecido registrando as plantas da Lapônia, além dos costumes do povo indígena sami. De Uppsala, o jovem foi para a universidade holandesa em Hardewijk e então, de posse de um diploma, para Leiden, um dos centros de filosofia natural do continente. Ali encontrou um patrono no famoso médico e humanista Hermann Boerhaave (1668-1738), e trabalhou em diversas obras botânicas. Quando voltou para a Suécia, em 1738, tinha uma sólida reputação como botânico mas nenhum emprego, e foi obrigado, a fixar-se em Estocolmo, como clínico geral. Finalmente lhe ofereceram uma cadeira de botânica em sua antiga universidade, Uppsala, onze anos depois.

Ali, Lineu encontrou seu caminho, cultivando plantas raras em seus jardins botânicos, fazendo palestras para multidões de estudantes que o adoravam, e que mais tarde formaram uma rede botânica mundial e forneceram mais espécimes para sua coleção, e continuando a catalogar plantas de acordo com seu sistema de classificação sexual.

Lineu descobriu que podia subdividir o reino das plantas de acordo com a forma e a função das partes reprodutoras dos espécimes individuais. Por

esse método, chegou a 22 classes e um grande número de ordens, gêneros e espécies para aprofundar a diferenciação.

O nome latino de cada planta teria duas partes: uma classificação binomial, uma para a classe e outra para a identificação da espécie individual.

A coleção de Lineu, cuja maior parte foi vendida para Londres por sua viúva e agora está guardada em gavetas em um salão reforçado do subsolo em Burlington House, em Piccadilly, sede da Sociedade Lineana, não é muito grande e só parece espetacular para botânicos. Com sua classificação, entretanto, ele mudou a face da pesquisa científica da natureza. Teve seus detratores, é claro, mas praticamente não encontrou dificuldade para se impor.



Quando o botânico alemão Johann Siegesbeck atacou seu sistema de classificação sexual, chamando-o de “prostituição repugnante”, o doce sueco achou oportuno dar o nome do botânico a uma erva particularmente antipática, ainda hoje conhecida como *Siegesbeckia*.¹⁸

Uma forma de oposição intelectual, mais séria do que os melindres protestantes, veio de um francês, o terrível George Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-88), diretor do Jardin des Plantes. Buffon era tudo que Lineu não era: um extravagante nobre e erudito, independentemente rico, bem relacionado e transbordante de confiança na própria capacidade. Hoje, Buffon é mais lembrado como matemático do que como naturalista. Quando tinha vinte anos, formulou o teorema binomial, importante contribuição para a matemática. Trabalhou também no cálculo das probabilidades e propôs uma maneira surpreendentemente precisa de calcular o valor de pi, prendendo alfinetes numa folha de papel quadriculado.

Em sua própria época, entretanto, foi o estudo da natureza que mais ocupou o nobre homem. Nascido no mesmo ano em que nasceu Lineu, estudou direito, matemática e botânica, traduziu Newton para o francês e divulgou os escritos de Leibnitz. Forçado a abandonar os estudos em Angers depois de um duelo, partiu num Grand Tour em companhia do duque de Kingston e visitou Roma e Londres, onde foi eleito membro da Real Sociedade. De

volta à França, levou o pai ao tribunal por tentar deserdá-lo e aceitou o cargo de diretor do Jardin de Roi (hoje o Jardin des Plantes) em 1738. Tinha 32 anos.

Então começou a trabalhar em sua *magnum opus*, a *Histoire naturelle, générale et particulière* (1749-1804), projetada para ocupar cinquenta volumes, dos quais apenas 36 foram terminados. Foi a primeira tentativa feita durante o Iluminismo de representar sistematicamente todos os campos do conhecimento humano em história natural, geologia e antropologia. O sistema de Buffon diferia radicalmente do de Lineu. Enquanto a classificação binomial procurava entrar cada vez mais em detalhes e fixar todas as criaturas com o equivalente intelectual de um alfinete de taxidermista, Buffon acreditava na instabilidade das espécies. Características redundantes, como o dedo posterior dos porcos, afirmava, com o tempo tendem a desaparecer, como aliás a própria espécie. Esse conceito evolucionário levou-o a propor uma idade para a Terra muito maior do que anteriormente se imaginava, e a falar de diferentes períodos durante os quais existiram espécies desde então desaparecidas. A *Histoire naturelle* era um misto de história natural e filosofia, destinada parcialmente a impedir que a obra se tornasse monótona em suas descrições de animais e plantas. O estilo era importante para o conde: “Le style c’est l’homme même”, como declarou, notoriamente, numa palestra na Academia Francesa.

Enquanto o sistema de classificação de Buffon por forma e função de plantas e animais não resistiu ao teste do tempo, suas idéias sobre a instabilidade das espécies, sobre os ancestrais comuns de homens e macacos e sobre a evolução na natureza em geral acabaram demonstrando um alcance maior do que ele poderia ter imaginado, e foram retomadas um século depois por outro apaixonado colecionador e especialista em vermes, Charles Darwin.

Os gabinetes dos séculos XVII ao século XVIII tinham sido cheios de objetos e criaturas extraordinárias, fora da ordem das coisas. O objetivo final desse projeto tinha sido fazer perguntas e ampliar o tipo de conhecimento do mundo existente no Ocidente; dragões e sereias, tatus e baiacus, cocares indígenas e sapatos esquimós, tudo apontava para um mundo maior do que o conhecido, para uma realidade muito além do que se julgava possível. As

classificações tinham um caráter anedótico e incerto, e, se não eram inventadas ao vivo, surgiam com igual presteza tanto a partir de Plínio como de pescadores locais. O que importava era a maravilha de cada objeto, uma contestação material das supostas limitações do mundo conhecido.

A emergente abordagem científica da natureza virou essa abordagem de pernas para o ar. O objetivo agora era colocar tudo numa ordem de coisas, em seu devido lugar dentro de um grande sistema, capaz, pelo menos potencialmente, de absorver tudo que existia na terra e nos céus. A natureza se submeteria à classificação definitiva e até o último besouro e o último musgo encontrariam seu lugar nas páginas de Lineu, apareceriam de alguma forma num dos muitos tomos de Buffon. A mente científica finalmente estava equipada para dominar a ordem das coisas; de fato, de acordo com escritores revolucionários, foi a mente científica que estabeleceu essa ordem e a impôs ao universo.

O Mastodonte e a Taxionomia da Memória

Charles Willson Peale (1741-1827), filho de um condenado que as autoridades britânicas mandaram para Maryland, começou a vida como aprendiz de seleiro. Graças ao talento para o desenho, logo se tornou retratista de muitos dos heróis revolucionários do começo da história americana; entre eles Lafayette, Jefferson e Washington. Era algo mais do que um jeito de ganhar dinheiro. Peale era um republicano convicto, que fora soldado na Guerra de Independência e ativo participante na consolidação política do país.

A pintura e a política, entretanto, nunca foram suficientes para ocupar os dias de Peale. Ele obteve a patente de banhos a vapor, projetos de pontes e um polígrafo, que lhe permitia copiar documentos, e mostrou-se incansável na caça de objetos e em prepará-los para exposição — segundo ideias divulgadas pela primeira vez na Europa por Lineu e Buffon — em seu museu, o melhor de todos os museus idealizados no século XVIII.

A parte central do museu de Peale era uma comprida galeria com iluminação natural, na qual expôs os retratos de grandes americanos que ele próprio pintara, como um friso na parte superior do cômodo, enquanto na parte inferior, tanto literal como metaforicamente, ficavam expostas as ordens menores da natureza: animais e pássaros habilmente empalhados e expostos atrás de lâminas de vidro. Outros armários continham insetos, minerais e fósseis.¹ O museu tinha cerca de cem mil objetos, incluindo 269 pinturas, aproximadamente 1.800 pássaros, mil conchas etc. O conhecimento teórico merecia menos atenção: a biblioteca tinha apenas 313 volumes. Os obje-